

***O Mequetrefe e a República:
imprensa ilustrada, política e humor. Rio de Janeiro, século XIX.***

ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES*

Considerações iniciais

A partir dos anos 1870 começou no Rio de Janeiro as atividades da propaganda republicana. Logo após a fundação do Partido Republicano, um clube e um órgão oficial foram criados pelos propagandistas republicanos (Boehrer, 2000:45). Ainda nesta década a imprensa ilustrada inaugurava um momento de prosperidade. Além dos periódicos que já circulavam, surgiram *O Mequetrefe* em 1875 e a *Revista Ilustrada* no ano seguinte. O primeiro periódico desde o seu início tratou da questão republicana, tanto na sua parte textual, como em suas ilustrações. Assim, a proposta desta comunicação é abordar a relação entre a imprensa ilustrada – nesse momento identificada apenas com *O Mequetrefe* – e o ideário republicano¹. Ao longo do texto será tratado como se estabeleceu essa relação no começo da circulação do periódico e depois em 1889, meses antes da Proclamação da República. Ainda, o uso da alegoria feminina da República na confecção das ilustrações constitui um ponto fundamental no desenvolvimento da análise pretendida.

A alegoria concebida pelos caricaturistas na produção dos desenhos publicados em *O Mequetrefe* baseava-se nas alegorias femininas empregadas, sobretudo, após a Revolução Francesa e a partir da Primeira República da França em 1792 (Agulhon, 1979) (Agulhon, 1989). Contudo, vale salientar que no caso francês, e europeu, as alegorias já eram concebidas nas artes antes de 1789; esse ano significou mudanças políticas, mas o mesmo não pode ser considerado no caso das artes. Conforme aponta Jean Starobinski o emprego das alegorias: “precede à revolução; o gosto neoclássico se afirmou e se difundiu em seguida, a partir de 1750. As formas que a Revolução porá a

* Doutor em História/UFRGS. Professor Adjunto do Departamento de História e PPG em História da UFPel.

¹ O trabalho apresentado neste artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre a imprensa ilustrada do Rio de Janeiro e o ideário republicano. O resultado da pesquisa originou a tese de doutorado de minha autoria intitulada: *A República e seus símbolos: a imprensa ilustrada e o ideário republicano. Rio de Janeiro, 1868-1903*. Ver: (Lopes, 2010).

seu serviço já estão inventadas antes de 1789” (Starobinski, 1988:17). Maurice Agulhon igualmente afirma que as alegorias eram empregadas pelos artistas franceses desde o século XVIII (Agulhon, 1979:21-25).

Já no caso brasileiro, no que se refere a utilização de alegorias na imprensa ilustrada, ela surgia nas páginas dos periódicos desde o final dos anos 1860, tendo seu emprego ampliado nas décadas seguintes (Lopes, 2010). As alegorias publicadas em *O Mequetrefe*, uma no começo de sua circulação em 1875 e outra em 1889, as quais serão analisadas a seguir, exemplificam.

O primeiro número do periódico *O Mequetrefe* foi lançado em janeiro de 1875. O jornal foi uma iniciativa de Pedro Lima e Eduardo Joaquim Correa; este se tornou o único proprietário do jornal em 1879 e se manteria nessa condição até sua morte em maio de 1891; a viúva assumiu os negócios do marido, colocando seu cunhado, José Joaquim Correa, no comando do jornal, que encerrou sua circulação em janeiro de 1893.

Ao longo dos anos de sua circulação o periódico contou com um número variado de colaboradores, como Olavo Bilac, Artur Azevedo, Henrique Lopes de Mendonça, Lúcio de Mendonça, Raimundo Correia, Filinto de Almeida e Lins de Albuquerque, este exercendo o cargo de diretor por um determinado tempo. Entre os caricaturistas, passaram pelo periódico Candido de Faria, Antonio Alves do Vale, Joseph Mill, Aluisio Azevedo que mais tarde abandonaria os desenhos para se dedicar a literatura² e Pereira Netto (Lima, 1964:116). Este se retirou do periódico para substituir Angelo Agostini na *Revista Illustrada* após seu afastamento devido a uma viagem para Paris em 1888 (Balaban, 2005:48-51).

O arranjo do jornal no que toca às questões políticas foi evidenciado nos seus primeiros números. A redação afirmava “não somos republicanos... mas também não somos monarquistas. Em princípios políticos, que se prendam a formas de governo, assim como em questões de nacionalidade, nem queremos ser vistos, nem cheirados” (*O Mequetrefe*, 15/04/1875). Na sequência do texto asseveravam que combatiam o poder

² Aluisio Azevedo, contudo, ao optar pela literatura, se tornou um dos literatos mais conhecidos do século XIX. É de sua autoria, por exemplo, *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884) e *O Cortiço* (1890).

pessoal: “combatemos, por exemplo, o poder pessoal que é um excesso da monarquia constitucional”. Em outras palavras, a batalha era dirigida ao Imperador Dom Pedro II e aos seus ministros, principalmente o Presidente do Conselho de Ministros, escolhido pelo Imperador.

Já suas ilustrações se valeram dos símbolos republicanos. O segundo número do periódico, por exemplo, trazia na primeira página dois homens ajoelhados e com barrete frígio. O recurso aos símbolos republicanos, contudo, era a melhor maneira para criticar a Monarquia, uma vez que as duas formas de governo são adversárias e o emprego de elementos que as caracterizam, colocados contrapostos, configuram e remetem os leitores à sátira pretendida pelo caricaturista.

A alegoria Feminina da República foi constantemente aproveitada pelos caricaturistas do periódico na realização de suas sátiras ao Império. A questão republicana, por sua vez, também foi comentada. Um exemplo de alegoria que criticava o Império apareceu na primeira página do dia 07 de outubro de 1875. A sátira, contudo, se dirigia a uma das instituições relacionadas a Monarquia, a Igreja Católica. A imagem mostra a alegoria feminina espremendo um membro católico (Figura 1). A alegoria não apresenta nenhuma identificação junto ao corpo; pressupõe-se que se trata daquela da liberdade uma vez que é esta a palavra que identifica o líquido que sai da boca do homem que é por ela espremido. Além de provocar o riso no leitor que aprecia a cena desenhada, a mensagem combativa também era evidente. Ela é bastante simples; os traços de seu corpo e de suas vestes são tênues em relação ao fundo do desenho o que lhe dá um aspecto fantasmagórico. À cabeça, embora o tracejado seja um tanto fraco, é possível identificar claramente o barrete frígio, enquanto a face é delineada de forma que a deixa jovial e delicada, se comparada com os traços do rosto do homem. Sua mão não traz nenhum dos outros atributos republicanos, mas ela é firme e segura com força a prensa da qual sairá, no final, a liberdade.

A legenda explicava a ação que se desenvolvia no desenho: “Até que lhe façam como a uva, segundo diz S. Agostinho: espremê-la para que produza alguma coisa de bom”. Quem estava sendo espremida era a Igreja e o algo de bom que apareceria era a Liberdade. O homem representa a Igreja e a referência é feita através do emprego de um dos símbolos usados por membros da hierarquia da Igreja Católica, a Mitra. Assim, é possível que ele não seja um padre, e sim um bispo, visto que a este cargo eclesiástico

cabe o uso deste chapéu alto e de pontas, símbolo do poder espiritual que é investido num bispo, que são os representantes dos apóstolos na terra. O conjunto da imagem não tratava sobre o ideário republicano – satirizavam a Questão Religiosa³.

Essa ilustração é apenas uma entre tantas outras veiculadas nesse periódico sobre o conflito; ela é importante aos propósitos deste artigo por causa da alegoria feminina que foi empregada para abordar a questão. O uso da alegoria não se referia diretamente às atividades republicanas, como era recorrente nos periódicos, ela foi adaptada para um contexto novo que considerava a Igreja como opressora, como um atraso, que emperrava o progresso do país e que por isso deveria ser “espremida”, acabando com o jugo da Igreja sobre o Estado. Em outras palavras, a separação entre a Igreja e o Estado representava a conquista da liberdade, a qual viria com a República.



Figura 1: A Alegoria espremendo o bispo

Legenda: Até que lhe façam como a uva, segundo diz S. Agostinho: espremê-la para que produza alguma coisa de bom.

Fonte: *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, n.41, p.1, 07 out. 1875. Acervo: AEL-UNICAMP

³ Em 1872 a Igreja se envolveu num conflito com o governo imperial que ficaria conhecido como a Questão Religiosa, nas qual algumas notabilidades da política da época, como o Visconde de Rio Branco, João Alfredo e o Imperador Dom Pedro II tomaram parte. Do lado da Igreja estavam envolvidos os Bispos do Rio de Janeiro, de Pernambuco e do Pará e até o Papa Pio IX. A imprensa do Rio de Janeiro e membros das casas maçônicas também acabaram se envolvendo; da mesma forma que outros periódicos como *O Mosquito* e *A Vida Fluminense*, *O Mequetrefe* também aproveitou o momento para criticar a união entre a Igreja e o Estado.

O periódico apregoava tanto essa premissa que chegou a ilustrar em um de seus números o seu personagem símbolo, entregando para Dom Pedro II o livro “*A Igreja e o Estado*”. A obra reunia uma série de crônicas escritas por Ganganelli, pseudônimo de Joaquim Saldanha Marinho e publicadas no *Jornal do Comércio* entre 1873 e 1875, sendo, mais tarde, agrupadas em quatro volumes (Balaban, 2005:227).

Retornando à imagem, ela não apresenta o seu autor, ou melhor, não apresenta quem a reproduziu nas páginas de *O Mequetrefe*, visto que é uma cópia de um desenho de Rafael Bordallo Pinheiro, publicada em *O Mosquito* em 02 de outubro de 1875. A informação foi dada com a reprodução que revela se tratar de um desenho copiado do jornal congênere e remete o leitor para um texto explicativo na página dois. Em *O Mosquito*, o desenho foi publicado menor, ao lado de outros que abordavam assuntos variados, sendo um deles a Questão Religiosa; na reprodução *O Mequetrefe* deu para ele um destaque “para que ele dê mais na vista; queremos que ele avulte aos olhos dos nossos assinantes essa feliz prova que enceta o *Mosquito*”.

O jornal revelava ainda que o desenho concebido por Rafael Bordallo Pinheiro⁴ era inspirado em outro, publicado na França por H.Meyer. O debate republicano também apareceu no texto ao comentar que a “rapariga” que espreme o bispo: “é a própria liberdade, é a república do futuro”. Somente ela poderia acabar com o representante do “ultramontanismo retrógrado” possibilitando a liberdade da qual o país estava apartado: “só a República pode salvar o Brasil das garras do ultramontanismo⁵”.

A imagem permite algumas interpretações não só em relação ao posicionamento de *O Mequetrefe* como também ao seu “comportamento”. Num primeiro momento demonstra a circulação das ilustrações que eram concebidas num periódico e copiadas por outros artistas, atividade corriqueira no século XIX⁶. No caso dessa imagem, sua inspiração começou no desenho de Bordallo Pinheiro que, por sua vez, se guiou num

⁴ Rafael Bordallo Pinheiro (1846-1905) foi um caricaturista português que ao chegar ao Brasil já tinha alcançado sucesso em Portugal. No Brasil atuou em *O Mosquito* a partir de 1875, contudo permaneceu pouco tempo retornando para Portugal em 1879. Ver: (Pinto, 1915).

⁵ Uma reforma religiosa iniciada em meados do século XIX passou a apregoar a doutrina de infalibilidade do Papa, e os seus responsáveis passaram a ser chamados ultramontanos, denominação dada àqueles que defendiam a centralização da Igreja em Roma e no Papa. (Vieira, 1980).

⁶ Um dos primeiros jornais ilustrados brasileiros, a *Lanterna Mágica* de Manoel Araújo Porto Alegre, se inspirou nos desenhos do já consagrado caricaturista francês Honoré Daumier (Salgueiro, 2003, p.82). Já a *Revista Ilustrada*, por exemplo, teve algumas ilustrações reproduzidas pelo periódico *A Ventarola* de Pelotas-RS. (LOPES, 2006:47-59).

artista francês. A reprodução ainda atesta que, num instante inicial, as relações entre os dois periódicos eram amistosas. Possivelmente, a cópia também serviu para dar as boas vindas ao colega caricaturista que acabava de chegar no Brasil.

Além de referendar a fonte da ilustração, o periódico incentivava ainda mais a campanha contra os bispos, dando notoriedade à causa com a veiculação de ilustrações que satirizavam abertamente os representantes da Igreja Católica. No final, ao revelarem que a alegoria feminina da liberdade é a República do futuro, acabaram fazendo referência aos republicanos. A solução seria a instalação de um governo republicano como a única forma de acabar com a subordinação do país perante a religião, aliança considerada um retrocesso. O texto encerrava afirmando que este era o pensamento colocado no desenho de Bordallo Pinheiro e compartilhado em *O Mosquito*. No entanto, ao reproduzirem o desenho, acabavam igualmente enfatizando – talvez não propositalmente – a campanha dos republicanos.

Apesar de declarar não ser republicano, o jornal seguiria sendo relacionado à propaganda republicana possivelmente por causa das ilustrações que publicava. Essa situação foi enfrentada, sobretudo, por sua posição ambígua, ou seja, seus responsáveis se declaravam não republicanos na parte textual e utilizavam a simbologia republicana em suas ilustrações. Essa dicotomia seguiu em suas páginas ao longo de seu primeiro ano, como exemplifica a imagem analisada.

A república do futuro pronunciada pelo periódico em 1875 ainda demoraria a chegar. No entanto, no final dos anos 1880 o jornal previa que os dias da Monarquia estavam terminando. Essa projeção foi verificada numa ilustração publicada em maio de 1889, portanto, meses antes da Proclamação da República.

O Mequetrefe já havia afirmado que tudo caminharia para o fim da Monarquia e que os dias do Império do Brasil estavam contados. Dom Pedro II chegou a ser considerado “moralmente morto” numa de suas crônicas (*O Mequetrefe*, março/1889, nº474). E ao tratar da crise política do Império que levaria a queda do Gabinete de João Alfredo, substituído por Afonso Celso, o Visconde de Ouro Preto, o periódico colocava em sua primeira página uma alegoria feminina da República, como a responsável pela “apoteose final da atual crise política”. (Figura 2)

A ilustração mostra a alegoria retornando para dentro do palácio, possivelmente um das sedes do Império do Brasil, para buscar mais objetos que seriam jogados fora.

Na calçada já estavam no chão alguns deles, como o trono do Império que está com a cruz, quebrada, que encima a coroa colocada ao alto do trono; um dos pés, que lembram garras, também está quebrado. Jazem, ainda, a coroa imperial, o manto usado em ocasiões especiais por Dom Pedro II e o cetro que também está quebrado.

É possível verificar que a alegoria emana de seu corpo vários facho de luz, projetados para cima dos objetos caídos; ela foi desenhada com o barrete frigio e desprovida de suas armas, demonstrando que a apoteose republicana aconteceria sem ser necessário que batalhas fossem travadas. Ela somente precisava da força de seus braços, e dos republicanos, para jogar fora as insígnias imperiais e dar ao Brasil um novo caminho, iluminado por seus ideais. Um paralelo entre essa ilustração e aquela que foi analisada antes permite averiguar que a questão republicana, tratada de forma tímida e quase imperceptível no começo da circulação, passou a ser um dos conteúdos mais abordados e defendidos após cerca de 14 anos do início do periódico. George Boherer afirma que *O Mequetrefe* sempre demonstrou “pouco respeito pelo governo” e adotou uma posição “abertamente republicana” (Boehrer, 2000:73). Contudo, como demonstram esses dois desenhos, essa posição foi amadurecida ao longo dos anos da circulação do jornal.



Figura 2: A alegoria feminina e os destroços da Monarquia

Legenda: Será esta a apoteose final da atual crise política.

Fonte: *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, nº478, p.1, maio de 1889. Acervo: AEL-UNICAMP

A alegoria foi comentada num texto publicado na página dois ressaltando que “A República desponta já no horizonte da nossa pátria, é necessário não recuarmos um só passo da luta em que nos achamos francamente combatendo em favor da democracia brasileira”. Conforme o texto, publicado também numa alusão aos 15 anos de circulação do jornal, uma das suas bandeiras de luta era a defesa da democracia brasileira, ponto que foi outra vez salientado na ilustração. Para os redatores do periódico, portanto, somente existia uma forma para que a democracia fosse plenamente possível no Brasil, com a instalação de uma República no lugar da destroçada Monarquia.

Considerações finais

As duas ilustrações analisadas acima são apenas dois exemplos de um conjunto maior de imagens veiculadas em *O Mequetrefe* e na imprensa ilustrada do Rio de Janeiro nas últimas décadas do século XIX. Os dois desenhos, no entanto, demonstram a presença das alegorias femininas da República nas concepções artísticas do periódico. Por outro lado, tais alegorias igualmente sugerem que a campanha republicana estava presente nas discussões políticas, as quais sempre figuravam, devido a sua importância, nos desenhos publicados no periódico.

No primeiro desenho a alegoria feminina foi aproveitada para satirizar o Império e criticar a Igreja Católica, constantemente atacada não só em *O Mequetrefe* como também pelos demais jornais ilustrados. A República, o seu ideal, foi visto pelo caricaturista num tom de apreço e considerada como a única capaz de conceder a liberdade que o Brasil necessitava para alcançar o tão almejado progresso. Neste desenho a alegoria possuía um aspecto fantasmagórico, seus traços quase não permitem identificá-la; já a segunda foi concebida na sua apresentação tradicional e para enfatizar o seu significado recebeu vários fochos de luz.

Os anos se passaram no periódico, o caricaturista já não era mais o mesmo, por exemplo. No entanto, a questão republicana permaneceu e foi tratada e anunciada ao longo do período em que o jornal circulou. Se em 1875 ela foi aproveitada para criticar a igreja, aquela de 1889 indicava outra posição e mensagem aos seus leitores. Com esta ilustração o periódico tornava evidente sua posição favorável a mudança do regime monárquico para o republicano. As duas alegorias, dessa forma, evidenciam que a

questão republicana estava presente nas discussões políticas, as quais foram acompanhadas pelo jornal. Não obstante, os desenhos permitem averiguar que a posição do periódico modificou tornando-se um defensor do ideário republicano e que a ação da República – jogar fora os elementos monárquicos – não tardou a se tornar uma realidade.

Referências bibliográficas:

AGULHON, Maurice. *Marianne au combat. L'imagerie et la symbolique républicaines de 1789 à 1880*. Paris: Flammarion, 1979.

_____. *Marianne Au pouvoir. L'imagerie et la symbolique républicaines de 1880 à 1914*. Paris: Flammarion, 1989.

BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2005.

BOEHRER, George C. A. *Da Monarquia à República: história do partido republicano no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

LIMA, Herman. *Historia da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *A República e seus símbolos: a imprensa ilustrada e o ideário republicano. Rio de Janeiro, 1868-1903*. Tese (Doutorado em História) Porto Alegre: UFRGS, 2010.

_____. A política imperial brasileira e a imprensa ilustrada no século XIX - Rio de Janeiro e Pelotas. In: Márcia Medeiros da Rocha. (Org.). *IV Mostra de Pesquisa: Produzindo História a partir de fontes primárias*. 1 ed. Porto Alegre-RS: Corag, 2006, v. , p. 47-59.

PINTO, Manoel de Souza Bordallo e a Caricatura. In: *Raphael Bordallo Pinheiro – O caricaturista*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1915.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *A comédia urbana: de Daumier a Porto Alegre*. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 2003.

STAROBINSKI, Jean. *1789. Os emblemas da razão*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 1980.